



USOS LINGUÍSTICOS NO FALAR DA COMUNIDADE QUILOMBOLA PITA CANUDO EM CÁCERES-MT

LINGUISTIC USES IN THE SPEECH OF THE QUILOMBOLA COMMUNITY PITA CANUDO IN CÁCERES-MT

Rosemeire Marcondes Schwartz¹
rosemeire.marcondes@unemat.br

Jocineide Macedo Karim²
Jocineide.karim1@unemat.br

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa monográfica desenvolvida no curso de Licenciatura Plena em Letras, da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres. O objetivo foi investigar a variação linguística no falar da comunidade quilombola Pita Canudo. Para isso, utilizamos a metodologia que se sustenta na perspectiva da Sociolinguística Variacionista, desenvolvida pelo pesquisador Norte Americano Willian Labov. Dos resultados obtidos destacamos o uso da alternância do ditongo [ão] por [on] e o uso do rotacismo.

PALAVRAS-CHAVE: Sociolinguística; Fala; Variação; Comunidade.

ABSTRACT: This article is the result of a monographic research developed in the course of Licentiate in Letters, of the University of the State of Mato Grosso, in the Campus of Cáceres. Our objective was to investigate the linguistic variation in the speech of the quilombola community Pita Canudo. For this, we use the methodology that is supported by the perspective of Sociolinguistics, developed by the North American researcher Willian Labov. From the results obtained, we highlight the use of the alternation of the diphthong [ão] for [on] and the use of rhotacism.

KEYWORDS: Sociolinguistics; speaks; Variation; Community.

1. Introdução

Em toda comunidade de fala existem costumes, crenças e variações linguísticas. A esse respeito, segundo Tarallo (1997, p.8) “essas variantes são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade”.

¹ Mestranda do Programa de Pós-graduação em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, Campus de Cáceres.

² Professora Doutora, em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso, Departamento de Letras e do Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística/UNEMAT/Cáceres - Coordenadora do projeto de pesquisa: A variação geográfica e atitudes: o olhar da sociolinguística sobre as publicações, propagandas e faixadas comerciais da cidade de Cáceres. Membro do Grupo de Pesquisa: Mato Grosso: Falares e Modos de Dizer.

Neste artigo, apresentamos os usos linguísticos do falar da comunidade Pita Canudo, bem como, a cultura, costumes e crenças da comunidade quilombola localizada na cidade de Cáceres-MT. Devido a um processo de expulsão que ocorreu nessa comunidade, ela deixou de ser habitada pelos quilombos, entretanto, a história que os quilombos trazem em suas memórias e em seus hábitos diários são marcados pela morada que fizeram na comunidade. Atualmente, alguns membros da família faleceram e já não estão presentes, mas ainda é possível notar algumas “heranças” que foram passadas de geração para geração.

2. Metodologia adotada neste estudo

2.1 A constituição do *corpus* de pesquisa: os entrevistados

A organização do *corpus* deste artigo foi constituída a partir de entrevistas gravadas com os quilombolas que habitaram a comunidade Pita Canudo, localizada na cidade de Cáceres-MT. Entrevistamos um total de doze pessoas nascidas na comunidade, apenas um dos entrevistados nasceu em Poconé-MT. As entrevistas foram realizadas com a participação de 5 homens e 7 mulheres, distribuídas em duas faixas etárias. A primeira faixa etária, entre 28 anos a 42 anos, e a segunda de 46 anos até 82 anos. O número de mulheres foi maior que a de homens devido ao fato de os homens serem mais tímidos para as entrevistas.

A seguir destacamos a Tabela 1, com os participantes da pesquisa:

Tabela 1: Participantes da pesquisa

Participantes da pesquisa	1ª Faixa etária entre 28 a 42 anos	2ª Faixa etária entre 46 até 82 anos
Sexo masculino	5	5
Sexo feminino	7	7
Total	12	12

Fonte: Tabela elaborada pelas autoras.

2.2 A coleta de dados

Para a coleta de dados, elaboramos um questionário contendo vinte e cinco perguntas, que foram divididas em três partes, a saber: A - dados sociológicos dos entrevistados; B - dados sociológicos/afro-brasileiro; C – etnotextos, temas de conversa livre. As perguntas foram feitas aleatoriamente, em forma de conversa, desse modo, os entrevistados ficaram à vontade para falar. As entrevistas com os entrevistados de maior idade duraram um tempo maior em relação aos jovens.

Sobre como realizar a entrevista Tarallo (1986, p.21) argumenta: “para começar uma pesquisa, ou uma entrevista Sociolinguística, o pesquisador deverá tentar neutralizar a força exercida pela presença do gravador e por sua própria presença como elemento estranho à comunidade”.

Considerando o argumento de Tarallo (1986), desenvolvemos nossas entrevistas procurando deixar os entrevistados bem à vontade e explicamos que a gravação seria apenas para transcrever suas respostas. Por se tratar de uma comunidade quilombola, a maioria das pessoas tinha um grau de parentesco, desse modo, identificamos alguns de seus parentes, que já havia concedido a entrevista, assim eles se sentiam mais à vontade para participar. Desse modo, as entrevistas ocorreram de forma tranquila e espontânea.

Inicialmente, apresentamos aos entrevistados a ficha de identificação do participante e a preenchemos com seus dados pessoais como: nome, idade, sexo, naturalidade, estado civil, escolaridade, profissão, entre outros. Em seguida, apresentamos o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, o qual alguns fizeram uma leitura prévia, para os que não sabiam ler, fizemos a leitura. Os entrevistados foram esclarecidos sobre a ficha de identificação e que seus dados teriam absoluto anonimato.

Muitos resolveram ceder à entrevista no momento do primeiro contato, já outros, marcamos dia e horário que estavam disponíveis para a entrevista. Apenas um participante cedeu a entrevista em seu ambiente de trabalho, e os demais em suas casas, na varanda e no quintal. As entrevistas foram gravadas, no celular Motorola G4 e transferidas para o computador através do cabo USB.

2.3 A transcrição dos dados

Para realizar a transcrição das entrevistas foi utilizado o modelo de transcrição utilizado por Macedo-Karim (2012), transcrição grafemática. As gravações foram ouvidas por diversas vezes, com isso procuramos preservar ao máximo, a fala real dos entrevistados. A forma expressa pelos entrevistados possibilitou o registro de usos linguísticos para o desenvolvimento da pesquisa.

Nas transcrições das entrevistas utilizamos ainda, representações conforme Macedo-Karim (2012, p.65): “a) [...] reticências para pausas menores nas entrevistas; b) [...] reticências duplas para pausas maiores na entrevista, caso os participantes permanecessem em silêncio um tempo maior para responder”.

3. A comunidade quilombola Pita Canudo na cidade de Cáceres

Inicialmente, apresentamos os fundadores da comunidade em estudo: Antônio Constantino Maciel de Campos, Victurino de Campos, Cândido Maciel de Campos e João Abreu de Campos, nomes que se destacam como a geração fundadora da comunidade Pita Canudo. A denominação “povo de Pita Canudo” referia-se a todos os que se localizavam no lugar.

Pita Canudos está localizada em uma região montanhosa, a 48 quilômetros do município de Cáceres. A comunidade tem origem quilombola, seu histórico é repleto de riquezas culturais, conhecimentos e saberes que de geração em geração perpetuam até os dias atuais.

Os descendentes da comunidade preservam boa parte da cultura e dos saberes recebidos dos mais velhos, segundo os próprios membros de mais idade esses saberes foram ensinados pelos avós, pais, e repassados aos mais novos.

Atualmente, a maior parte dos integrantes da comunidade quilombola Pita Canudo residem na zona urbana, porém os descendentes ainda preservam as reuniões



festivas, em que há comidas típicas, que muitas vezes são produzidas pela própria comunidade. Eles ainda preservam as danças como cururu e siriri, rezas que mantêm uma tradição religiosa, e plantas medicinais, mesmo em territórios urbanos, da forma que podem manter plantas, e criação de animais.

As plantas medicinais foram muito utilizadas pelos quilombolas para tratamentos de saúde, pois não tinham acesso a hospitais e ao atendimento médico, sendo assim usavam os recursos naturais para a cura. Como citamos, não só plantas medicinais, mas tudo que está relacionado à agricultura e artefatos para se manterem. E mesmo estando em zona urbana preservam como podem a sua cultura.

As famílias remanescentes se reúnem frequentemente para degustação de alimentos preparados por eles mesmos, com produtos típicos de sua cultura como: paçoca de pilão, preparo de pamonha, entre outros alimentos que compõem o cardápio cultural. Os integrantes quilombolas também fazem reuniões para discutirem o andamento do processo que tem por objetivo reaver as terras, segundo as pessoas entrevistadas, as terras foram perdidas em conflitos com os invasores.

De acordo com uma nota divulgada no jornal Oeste:

A partir do decreto 4883/03 ficou transferida do Ministério da Cultura para o INCRA a competência para delimitação das terras dos remanescentes das comunidades dos quilombos, bem como a determinação de suas demarcações e titulações. Em 12 de março de 2004, o governo federal, lançou o Programa Brasil Quilombola (PBQ), como uma política de Estado para as áreas remanescentes de quilombos.”

Até o presente momento os descendentes quilombolas aguardam um parecer da justiça, sobre a possível retomada deles as terras de seus ancestrais.

3.1 Origem do nome da comunidade Pita Canudo na cidade de Cáceres

Conforme os conhecimentos dos entrevistados, e por meio das pesquisas realizadas acreditamos que o nome da comunidade Pita Canudo se derivou da prática de cachimbar. Esse cachimbo era confeccionado a partir do canudo de um bambu (taquara) fino, ou do talo de pimenteira, que acoplado ao coco seco de bocaiuva, artesanalmente cavado, servia de base para colocar o fumo.

As figuras abaixo representam, respectivamente, a matéria prima do cachimbo e o caximbo pronto:

Figura 6- Matéria prima do cachimbo



Fonte: fotos do dispositivo móvel da autora

Figura 7- Caximbo pronto



Fonte: fotos do dispositivo móvel da autora

Segundo o dicionário *on-line* a palavra *pito*³ significa “Pequeno tubo com tabaco próprio para fumar; cachimbo, cigarro.” E a palavra *canudo*⁴ no dicionário significa “Tubo, em geral estreito e comprido. Tubo fino, de palha, plástico ou papel, que se usa para sorver bebidas.” O artesanato possui originalidade e riqueza de uma cultura que usava de suas matérias primas e seus conhecimentos para desenvolver seus próprios utensilhos.

Pousada (2005, p. 39), enfatiza que o artesanato é um elemento ativo da cultura material, “movido pela arte do saber e do fazer, influenciado pelo ambiente, pela cultura

³ PITO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/pito-2/>>. Acesso em: 05/10/2020.

⁴ CANUDO. In: DICIO, Dicionário Online de Português. Porto: 7Graus, 2020. Disponível em: <<https://www.dicio.com.br/canudo/>>. Acesso em: 05/10/2020.



e pelas tradições locais". Sendo então o artesanato o fruto do acúmulo de saberes transmitido por gerações, um conhecimento implícito de várias técnicas de extração e manipulação de diversas matérias-primas que são transformadas em artefatos, criando dessa forma representação de sua identidade cultural.

4. Fundamentação teórica

A Sociolinguística é o ramo da linguística que estuda a relação entre a língua e a sociedade. O objetivo da Sociolinguística é o estudo da língua falada, observada, descrita e analisada em seu contexto social, tendo como ponto de partida a comunidade linguística.

Sobre esse aspecto da Sociolinguística Braga & Mollica (2004) conceituam:

A sociolinguística é uma das subáreas da Linguística e estuda a língua em uso no seio das comunidades de fala, voltando a atenção para um tipo de investigação que correlaciona aspectos linguísticos e sociais. Esta ciência se faz presente num espaço interdisciplinar, na fronteira entre língua e sociedade, focalizando precipuamente os empregos linguísticos concretos, em especial os de caráter heterogêneo. (Braga & Mollica, 2004, p. 9).

Ou seja, o objeto de estudo da Sociolinguística é a diversidade linguística. Essa está relacionada com diversos fatores, entre eles: Identidade Social do emissor ou falante; Identidade Social do receptor ou ouvinte; O contexto Social; e o Julgamento Social que os falantes fazem do próprio comportamento linguístico e sobre o dos outros, isto é, as atitudes linguísticas. Sendo assim o ponto de partida é o conjunto de pessoas que interagem verbalmente e que compartilham um conjunto de normas com respeito aos usos linguísticos. Língua e variação são inseparáveis.

O surgimento da Sociolinguística aconteceu nos Estados Unidos no ano 1964, com a publicação de livros de Gumperz; Labov; Hymes e a conferência de William Bright em Los Angeles.

Para a Sociolinguística ser considerada como uma área de estudo, ela passou por um processo de formação e teve vários teóricos que contribuíram para a sua existência.

Na perspectiva da Sociolinguística, o ser humano é por natureza plurilíngue (usa diversas línguas). E mesmo fazendo uso de uma mesma língua, é possível apresentá-la de diversos modos: por exemplo, em casa, usamos o idioma familiar; na escola, modificamos o nosso modo de usar a língua e interagirmos com outras pessoas. Isto acontece em qualquer língua.

4.1 A Sociolinguística Variacionista

A Sociolinguística Variacionista é uma área de estudo proposta pelo linguista Wilian Labov com a intenção de explicar a variação da língua em sociedade. Essas mudanças ocorrem “rapidamente à medida que muda a posição social do falante. Essa maleabilidade da língua sustenta sua grande utilidade como indicador de mudança social.” (LABOV, 2008, p. 140).

A forma de comunicação é dinâmica e, portanto, está sujeita a variações, tais características peculiares se enquadram no que se chama de variação linguística.

De acordo com Fernando Tarallo: “É somente através da correlação entre fatores linguísticos e não linguísticos que você chegará a um melhor conhecimento de como a língua é usada e de que como é constituída. Cada comunidade de fala é única: cada falante é um caso individual” (TARALLO, 1986, p.62).

Conforme Tarallo a relação entre língua e sociedade possui complexidades notórias. Portanto, é importante entendermos que ao relacionarmos língua e sociedade, devemos ir além do óbvio, provocando uma visão aprofundada, identificando que em uma mesma comunidade de pessoas, é possível sistematizar variantes linguísticas, e esse é o principal objetivo.

Fernando Tarallo traz uma concepção de que as variantes sempre estiveram presentes nos grupos sociais, e é inevitável sua existência, pois é a consequência do convívio de indivíduos em grupos.



Uma das metodologias apresentadas pelo autor é a entrevista sociolinguística, que consiste na interação oral com indivíduos de um grupo social, observando e organizando seus dados através da faixa etária do indivíduo, classe social, etnia, sexo e nível de escolaridade, em que os entrevistados devem responder a um roteiro de perguntas pré-elaboradas minuciosamente, para que não intimide ou perca a naturalidade do falante ao ser entrevistado.

O entrevistado, ao ser estimulado a suas narrativas empíricas, está diretamente ligado emocionalmente com seu relato e tende a falar de forma mais natural possível, e é exatamente esse um dos objetivos de nossa metodologia.

No Brasil a variação linguística é percebida com facilidade, um país em que a pluralidade cultural é grande, se mistura em todos os estados, e cada região influencia por suas origens históricas, seu contexto sociocultural, possui suas próprias características na forma de se comunicar.

4.2 A variação linguística no falar da comunidade quilombola Pita Canudo

Neste tópico, consideramos o ponto de vista dos entrevistados da comunidade Pita Canudo sobre a parte B do nosso questionário- trata dos dados sociológicos/afro-brasileiro. Levamos também em consideração o fato de que para Labov a língua não é propriedade do indivíduo, mas sim da comunidade, fato que o leva a crer que o novo modo de fazer linguística é “estudar empiricamente as comunidades de fala” (LABOV, 2008, p.259).

Os usos linguísticos observados na comunidade quilombola Pita Canudo se assemelham aos da cidade de Cáceres-MT, fato esse derivado do processo de colonização ocorrido na região. Desse modo, destacaremos os usos que foram mais pertinentes nas respostas dos entrevistados.

Dentre estes podemos citar:

- a) A vocalização da lateral palatal [ʎ], exemplos: muié/mulher;

- b) A realização da vogal [i] ao invés da vogal [e] em início de palavra, exemplos: intindi/entendi;
- c) A monotongação que é uma tendência fonética histórica de apagamento da semivogal nos ditongos crescentes ou decrescentes, exemplos: poco/pouco;
- d) O rotacismo em coda silábica e em grupo consonantal; exemplos prantava/plantava;
- e) O alçamento da vogal central baixa [a] em ambiência nasal, exemplos: mándioça/mandioca – dánça/dança;
- f) Alternância do ditongo [ão] por [on], exemplos, feijon/feijão – prantaçon/plantação. Neste último exemplo na palavra “prantaçon” notamos o uso do rotacismo no fragmento “pran” ao invés de “plan” e a alternância do ditongo no fragmento “çon” ao invés “ção”.

Neste artigo, selecionamos para analisar mais detalhadamente dois usos linguísticos, o rotacismo e a altérnancia do ditongo (ão) por (on), no qual demonstraremos com mais precisão em nossas análises.

4.4 O rotacismo na comunidade Pita Canudo

O fenômeno do rotacismo consiste na troca do “l” pelo “r”, como nos exemplos: “bicicreta” “vortei”, “cliei” “prantá”, “asfarto”. A seguir, destacamos um trecho retirado das entrevistas realizadas na comunidade Pita Canudo.

(1) Ah vivia de **trabaiá..prantá..coiê..vendê pa cumê..ali prantava ó..primeira prantação** que eu me lembro muito bem..quando eu me intindi por gente..meu pai tinha banana..cana..éé mandioca..éé..essas coisas mais antiga banana..mandioca..cana..ai é.. taioba ..essas **prantas..batata** né todo ano tinha..e chegava na época de **prantá** pra coiê..feijon..arroiz..milho pra vende..aii **prantava** arroiz..milho..feijon. (JESM-82anos).

Esse fenômeno, o rotacismo, é tratado como “erro” para a gramática normativa, mas na verdade é um prosseguimento de uma tendência muito antiga no português (e em outras línguas) que os falantes rurais ou não escolarizados muitas vezes levam adiante.

Sobre esse aspecto Bagno (2007, p. 73-74) argumenta: “Não se tratando de um “erro”, mas sim de um efeito ocorrido por um processo cíclico por qual nossa língua passa” a classificação dada se trata de um preconceito linguístico, pois em relação a esse conceito “o preconceito se baseia na crença de que só existe, uma única língua portuguesa digna deste nome e que seria a língua ensinada nas escolas, explicadas nas gramáticas e catalogadas nos dicionários” (BAGNO, 2007, p. 40), sendo esta uma expressão inadequada e discriminatória.

Segundo Amaral (1920, p.28), essa substituição de *l* por *r*, nesse contexto, é considerada um “vício de pronúncia” do falar paulista que ocorre mesmo em grupos de pessoas de posição social mais elevada.

Por outro lado, Marroquim (1934, p. 31-32) afirma que a passagem de *l* a *r* começou na formação do português como, por exemplo, *platu* (m) > *prato*; *clavum* > *cravo*, e esse mesmo fenômeno podem ser encontrados no português arcaico como *prantar*, *esprandecente* e *craro*.

Aqui, citamos as palavras com o fenômeno do rotacismo que foram mencionadas com maior frequência pelos entrevistados: a) *Prantava/plantava*; *Prantá/plantar*; b) *Probrema/problema*; e c) *Bicicreta/bicicleta*.

O uso do rotacismo no falar da comunidade em estudo totalizou trinta e seis ocorrências, desse total obtivemos 19 (dezenove) ocorrências do rotacismo no falar dos dois entrevistados do sexo masculino e 17 (dezessete) ocorrências no falar das mulheres.

Esses usos linguísticos foram constatados nas respostas relacionadas à agricultura. O trabalho com o plantio era o que mantinha a economia dos quilombos, no caso como uma das perguntas mencionava sobre a descrição do que eles faziam na agricultura, as palavras relacionadas à prantação/plantação tiveram mais frequência.



Também consideramos que do total dos entrevistados do sexo masculino quatro deles, não frequentaram a escola, ou seja, não estudaram, desse modo o falar desses entrevistados não sofreu alteração.

4.5 O uso de [ão] e [ô] na comunidade Pita Canudo

Neste tópico, trataremos da alternância do ditongo [ão] por [on] no falar da comunidade Pita Canudo, sendo que a primeira forma [ão] é considerada a forma padrão conforme as normas da gramática normativa e a segunda forma [on] a forma padrão cacerense.

Silva (2000) estudou a alternância [ão]~[on] na cidade de Cáceres-MT. A pesquisadora verificou as formas de realização do ditongo, com base na hipótese de que a variação estaria relacionada a fatores linguísticos e extralingüísticos. Sendo o fator extralingüístico o responsável por aspectos não gramaticais e relacionados a idade, gênero, sotaque, classe social, entre outros.

Para Labov (2008, p. 243): “não existe falante de estilo único. [...] todo falante que encontramos exibe alternância de algumas variáveis linguísticas à medida que mudam o contexto social”.

Os resultados da pesquisa de Siva (2000) indicam os fatores sociais como os mais relevantes na alternância [ão] / [on]. A pesquisadora também considerou a variante [on] como uma variante arcaizante, e que possivelmente é um traço fonético trazido pelos colonizadores vindos do Norte de Portugal, no período da colonização.

Apresentamos a seguir trechos retirados das entrevistas realizadas na comunidade Pita Canudo, nos quais destacaremos a alternância do ditongo [ão] por [on]:

2. Tinha festa de **son** **jon...son** pedro...**son** Luiz ...é tudo de festa ...todo anu fazia...as festas era cururu ...**son** Goncalo ...siriri...cumida era de tudu...**feijon**...arroiz.... (MCM-70 anos).

3. Vivia do plantil...era mandioca...arroiz...**feijon** de tudo né...e eles faziam lenha né...cortava argico né.pra faze lenha..pra traze e vender na cidade...pra gerar renda né.. (MDCPF-60anos).

Nos trechos 2 e 3, destacamos a alternância do ditongo [ão] por [on]. No falar dos entrevistados da comunidade em estudo, notamos que essa alternância, só não ocorreu, no falar de um entrevistado, do sexo masculino de 28 anos. As palavras que mais ocorreram nas respostas dos entrevistados, com a alternância do ditongo [ão] por [on] foram: Enton/então; Feijon/feijão; Plantacon/plantação; Multiron/multirão; Negon/negão; Union/união.

Nos resultados desse uso linguístico constatamos o total de 63 (sessenta e três) ocorrências, 36 (trinta e seis) ocorrências no falar dos entrevistados do sexo masculino, e 27 (vinte e sete) ocorrências no falar das entrevistadas do sexo feminino.

Considerações finais

Neste artigo, tivemos o intuito em demostrar os usos linguísticos existentes no falar do quilombo de Pita Canudo, em Cáceres-MT. E mostrar a importância da língua no grupo social, na comunicação, e na preservação de costumes. Sobre os usos linguísticos, pudemos notar principalmente a alternância do ditongo [ão] por [on] e o uso do rotacismo.

Este trabalho teve como base teórica a Sociolinguística, uma área da Linguística que estuda a língua falada e leva em consideração o fato da língua não ser homogênea, pois qualquer conjunto de língua é representado por uma grande variedade, com isso a Sociolinguística estuda as variações existentes na oralidade, levando em conta fatores linguísticos e extralinguísticos, como: a idade, o sexo, a classe social, o grupo social, etc.

Sabendo da existência das variações linguísticas pertencentes a um grupo social, ressaltamos a importância do estudo sobre tais variantes e sua preservação. Assim,



esperamos que os resultados desta pesquisa contribuam para a compreensão dos fenômenos linguísticos encontrados na fala de todo ser humano, em especial as variações existentes nos quilombos, que fazem parte da cidade de Cáceres-MT.

Referências bibliográficas

- ALKMIM, Tânia Maria. Sociolinguística. Parte I. IN: MUSSALIM, Fernanda; BENTES, Ana Cristina. **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**, v.1, 6. ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.21-47.
- AMARAL, Amadeu (1920). **O dialeto caipira: gramática, vocabulário**. 4. ed. São Paulo, SP; Brasília, DF: HUCITEC: INL, 1982 [1920].
- BAGNO, Marcos. **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editora, 2007.
- BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: O que é, como se faz**. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.
- BANDEIRA, Maria de Lourdes. **Território negro em espaço branco**. São Paulo: Brasiliense, 1988.
- BRAGA, Maria Luiza; MOLLICA, Maria Cecília. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004.
- CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 41. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.
- CALDAS, Alberto Lins. **Oralidade texto e história oral**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999.
- CRUZ, Tereza Almeida. **O processo de formação das comunidades quilombolas do Vale do Guaporé**. Simpósio nacional de história, 2013.
- DA LINGUAGEM CUIABANA – **O cuiabanês, Mandioqueiro, 2017**. Disponível em: www.mandioqueiro.com.br/?pg=curiosidade_ver&cur_id=40. Acesso em: 05, de outubro de 2020.
- DICIONARIO INFORMAL – 2020. Disponível em: www.dicionarioinformal.com.br. Acesso em: 05, de outubro de 2020.
- EXPRESSAO NOTÍCIAS. **Remanescente de quilombo comunidade de Pita Canudos será devolvida à antigos donos**. Disponivel em <<http://www.jornaloeste.com.br/noticias/exibir.asp?id=28595>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.
- LABOV, William. **O quadro social da mudança linguística**. IN: **Padrões Sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline R. Cardoso. São Paulo, SP: Parábola, 2008 [1972]. p. 301-373.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de M. Bagno; M. M. P. Scherre; C. R. Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A Variação na concordância de gênero no falar da comunidade de Cáceres-MT**. Dissertação de Mestrado. Araraquara-SP: UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, 2004.

MACEDO-KARIM, Jocineide. **A comunidade São Lourenço em Cáceres-MT: aspectos linguísticos e culturais**. Tese. Campinas- SP, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Da fala para a escrita. Atividade de retextualização**. 2.ed., São Paulo: Cortez, 2001.

MARTINS, Marcos Francisco. **Educação não escolar: discussão terminológica e mapeamento dos fundamentos das tendências**. Revista Contrapontos - Eletrônica, Vol. 16 - n. 1 - Itajaí, 2016. p: 40-61. Disponível em: www.univali.br/periodicos.

MORAIS, Ednilson. **Quilombos em Mato Grosso**. Disponível em <http://historiografiamatogrossense.blogspot.com/2011/07/os-quilombos-em-mato-grosso-em-mato.html>. Acesso em 20 de junho de 2020.

MACHADO, Maria Fátima Robeto. **Quilombos, Cabixis e Caburés: índios e negros em Mato Grosso no século XVIII**. Depto de Antropologia – UFMT, 2006.

MATTOSO, K. Q. **Ser escravo no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1990.

MENDES, Simone Carvalho. **O Uso de [ÃW] e [Õ] no Falar da Comunidade Corixa: Atitudes e Crenças Linguísticas**. Cáceres-MT, 2018.

PINHO DE VILA, Maria Eliane; KARIM MACEDO, Jocineide. **Estudo dos fenômenos “tchá” e “tchô” como pronomes de tratamento e demonstrativo presentes no falar cacerense**. Cascavel: 2017. p.11. Disponível em <http://www.seminariolhm.com.br/2018/simposios/29/simp29art06.pdf> Acesso em: 22 de agosto de 2020.

POUSADA, Carmem. O Brasil dos artesãos. In: LEAL, Joice J. **Um olhar sobre o design brasileiro**. São Paulo: Objeto Brasil e Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2005.

REIS, João José; GOMES, Flavio dos Santos. **Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil**. São Paulo: Companhia das letras, 1996.

ROSA, Carlos Alberto; JESUS, Nauk Maria de (Org.). **A terra da conquista: História de Mato Grosso colonial**. Cuiabá: Adriana, 2003.

SILVA, Wagner Gonçalves da. **O antropólogo e sua magia: trabalho de campo e texto etnográfico nas pesquisas antropológicas sobre religiões afro-brasileiras**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SOUZA, O. **Território Negro em espaço branco**. Revista de Antropologia, v. 33, p. 207-208, 30 dez. 1990.



ILVA, J. P. D.; **O conceito de erro em sociolinguística.** Disponível em: <http://www.filologia.org.br/abf/rabf/9/110.pdf>. Acesso em 19 de dezembro. 2019.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística.** São Paulo: Ática, 1997.

FISHMAN, J. A. A Sociolinguística da linguagem. In: FONSECA, M. S. V. da; NEVES, M. F. (Org.). **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Livraria Eldorado Tijuca, 1974 p. 25-40.

VOLPATO, Luiza Rios Ricci. Quilombos em Mato Grosso: resistência negra em área de fronteira. In: REIS, João José; GOMES, Flávio dos Santos. **A liberdade por um fio a história dos quilombos no Brasil.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

Recebido em: 30/05/2022 | Aprovado em: 26/07/2022
Publicado em: 04/07/2025
